

# Unidos, índios discutem seu futuro

Mario Chimanovitich e  
Edvaldo Montrose  
Enviados Especiais

**DIAMANTINO, Mato Grosso** — Reunidos durante três dias, de quarta a sexta-feira última neste velho município, distante cerca de 250 quilômetros de Cuiabá, nove chefes de diferentes tribos de Mato Grosso viveram uma experiência inédita em toda a história do indigenismo brasileiro. Livres temporariamente da tutela da Funai e das missões religiosas que os assistem, os caciques xavante, apiaká, bororo, irantxe, karajib, tapirapé, nambiquara e rikbaktsa — representando perto de 2.500 índios — tiveram a oportunidade de se encontrar, conhecer e discutir em conselhos toda a sorte de problemas resultantes dos contatos de suas tribos com a sociedade envolvente. E chegaram, unânimes, à conclusão de que na insegurança da posse de suas terras reside ainda o maior de todos os seus males.

Organizada pela Missão Anchieta e pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), a reunião de Diamantino serviu, como razão principal, para dar aos índios uma chance que lhes tem sido sistematicamente negada: a de se auto-representarem, francamente libertos dos esquemas de pressão, positivos ou negativos, gerados pela dependência constante de ter que aceitar decisões tomadas pelo órgão governamental ou pelo próprio missionário, que chega a participar mais diretamente de sua vida.

Além do espírito de absoluta confraternização que dominou toda a reunião, onde chefes anteriormente inimigos, como parecis e nambiquaras, irantxes e rikbaktsas, sentaram-se lado a lado para aferir problemas, na realidade bastante comuns, a experiência levada a efeito em Diamantino vem abrir propostas excepcionalmente novas no que diz respeito aos caminhos formulados pelo índio, no sentido de sua integração ou aculturação. Em apenas três dias, nove chefes de tribos diferentes entre si mostraram que podem se constituir numa força bastante poderosa e coesa de representação, francamente capaz de levar aos seus atuais responsáveis as sugestões capazes de tornar possível a execução de um debate mais amplo, mais aberto, enfim, sobre a sua emancipação. É bem possível que se isso acontecer no futuro, o diálogo em torno da emancipação do índio seja abordado sob uma ótica mais realista e, segundo os observadores do encontro, "bem menos hipócrita".

Os resultados mais profundos do encontro de Diamantino somente poderão ser avaliados a médio prazo. Todavia, de imediato, foi possível observar que, possibilitadas as condições para que haja a auto-representação, o índio mostrou-se profundamente conscientizado sobre o processo que passa. E sabe, apesar das injunções limitativas a que se encontra subjugado, seja por parte da Funai ou das missões, o que lhe é fundamental para sobreviver, tanto física como culturalmente:

"Não vamos mais apelar para a Funai enquanto pudermos, nós mesmos, resolver nossos problemas". "Não permitiremos que os nossos se casem com os brancos, para evitar que a nossa raça diminua". "Vamos garantir nossas terras de qualquer maneira, delas ninguém nos expulsará". "Não vamos mais deixar que nossos irmãos sejam explorados pelo branco nas fazendas ou seringais". "Não toleraremos que o branco leve o álcool às nossas aldeias, nem permitiremos que façam cagoada de nossa festas".



O índio espera um futuro melhor, baseado na união

## Não há rebeldia, mas consciência

Essas foram algumas das conclusões a que chegaram os nove chefes reunidos em Diamantino, na sexta-feira, ao final do encontro organizado pelo Cimi e Missão Anchieta. Ante a observadora da Funai presente ao encontro, a antropóloga Ana Maria da Paixão, os nove caciques, com altivez, relataram todas as suas decisões tomadas em conjunto.

Não se tratou, como poderia parecer ao observador menos avisado, de um brado de rebeldia à tutela da Funai, mas sim de uma tomada de posição espontânea, que poderá, a médio ou longo prazo, reverter a "ordem natural" das coisas ligadas à sempre controversa e complexa questão indígena brasileira.

A partir dessa reunião, é propósito do Cimi incluir em seu quadro a participação de um ou dois chefes índios que serão escolhidos entre os nove que estiveram em Diamantino. Segundo D. Thomaz Balduino, bispo de Goiás e vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário, "essa seria uma forma limpa de começar a assegurar às tribos o direito de se auto-representarem nas decisões que forem sendo tomadas acerca de sua vida".

### MUITAS QUEIXAS

Muito mais do que o simples relato das dificuldades que cada um vem encontrando em seu processo de sobrevivência à fome, epidemias ou às cercas de arame farpado que o branco estende por seus territórios, a reunião dos nove chefes índios em Diamantino transcendeu a todas as expectativas que se formaram em torno de tal experimentação. Era, na realidade, indistigável a angústia que dominava os missionários que organizaram o encontro, no sentido de que os índios que dele participaram fossem capazes de conduzi-lo por modo próprio, evitando, assim, a mínima interferência por parte do branco em todo o ciclo de discussões. "Se tal não ocorresse — disseram os missionários — a reunião acabaria perdendo as suas verdadeiras finalidades".

Mas, foram os próprios índios que tomaram a iniciativa de abrir o encontro. Não foi

nem mesmo necessário que os coordenadores do Cimi e da Missão Anchieta lançassem mão de temas previamente preparados. Surpreendentemente, com uma desenvoltura nunca conhecida, os nove chefes, apesar das diferenças de dialeto (alguns mal falavam o português) foram acordos em assinalar que o problema da efetivação da posse de suas terras implicava, diretamente, na possibilidade de sobrevivência física e cultural de suas tribos.

A reunião foi aberta na quarta-feira exatamente às 12 horas. Sentados em círculo, sob a sombra de velhas mangueiras plantadas nos jardins do antigo seminário jesuítico de Diamantino, os nove chefes iniciaram o trabalho através da explanação de Yatogoga, o cacique bororo, da aldeia de Merure, que é administrada por missionários salesianos. O velho chefe, considerado como uma das mais brilhantes inteligências que já teve a tribo, queixou-se da Funai, dos brancos e dos próprios missionários:

"Quero dizer-lhes, meus irmãos, que nós bororos já fomos um povo muito poderoso, que dominava grandes extensões de Mato Grosso, até os confins do Triângulo Mineiro. Hoje, infelizmente, estamos reduzidos a uns poucos e mal lembramos, na verdade, o que fomos. Tomaram quase toda as nossas terras e, sob falsas promessas, enxotaram-nos como cachorros. Hoje, no Merure, vivemos uma vida mais ou menos tranquila, mas, o que dizer dos outros de nossa raça que habitam a região do Paraíso e perto de Rondonópolis? São índios corrompidos pelo álcool, sem tradição e sem ninguém que olhe por eles. Ninguém, nem a Funai, nem os padres, nem nós mesmos, temos feito algo para ajudá-los. Essa é a razão de minhas queixas. Ninguém se importa com o destino daqueles bororos, que estão se transformando em bichos. E' no álcool e na perda de nossas terras que estão os nossos maiores males, irmãos. O que aconteceu a nós bororos pode servir de exemplo. Não foram as guerras que nos dizimaram, mas sim os vícios, ensinados pelos brancos.

## Apesar de tudo, Yatogoga acredita na força da união

Os oito caciques ouviram Yatogoga em compenetrado silêncio e percebia-se que, pouco a pouco, cada um deles ia tomando consciência dos problemas vividos pelos bororos. Uma realidade dolorosa que poderá se tornar comum a todos eles.

— Essa reunião — disse ainda o cacique bororo — me faz feliz por dois motivos: primeiro, pela oportunidade que tenho de conhecer outros irmãos de outras tribos; depois, porque sei que só assim, com todos nós conhecendo os problemas de cada um, é que poderemos nos tornar novamente fortes...

Depois, falou Piri, o cacique Apiaká. Seu depoimento, além de significativo, revestiu-se de cunho altamente dramático:

— Nossa tribo vive também dividida. Muitos dos nossos estão sendo violentamente explorados nos seringais de Rondônia, Mato Grosso e Pará. E é essa exploração que tem me impedido de reunir o povo. Como é possível juntar o pessoal numa reserva, se todos estão endividados nos seringais e jamais poderão sair se não pagarem suas contas?

Piri revelou que a situação mais dramática está se verificando no seringal "Nova Esperança", no Pará, onde apiakás estão submetidos a um regime de semi-escravidão:

— E' preciso que a Funai tome providências para resolver essa situação, senão nosso povo acabará desaparecendo...

O discurso mais longo foi feito pelo chefe xavante, Wayrotsu, de São Marcos, que veio representando o cacique Apoená. Wayrotsu falou em seu dialeto, imediatamente traduzido por outro chefe da tribo, Tseremimirami:

— Apoená, nosso maior chefe, está muito preocupado porque o governo deixou de cuidar da situação das terras xavantes. Os fazendeiros nos vêem como inimigos e não querem abandonar as terras que são nossas pelo decreto presidencial. Deus não fez as terras somente para os brancos. Os xavantes também têm direito de viver em suas terras. Ou será que índio não é gente? Temos alma e inteligência, por isso sabemos pensar por nós. O que que remos é que o governo resolva nossa situação o mais rapidamente possível, isso é, que demarque nossas reservas e nos deixe viver em paz. Estou feliz por conhecê-los agora. Acho que os xavantes, os parecis, os bororos, os irantxes e todas as outras tribos podem se unir para discutirem os problemas do índio. Esses problemas não são de cada um, mas sim de todos nós. Se ficarmos unidos seremos mais fortes. Nunca mais deve haver guerra entre nós e nós nunca mais deveremos nos esquecer das coisas que nos ensinaram os mais velhos.

Yopareyp, o cacique kajabi, lamentou, por sua vez, que seu povo continua disperso e que sua reserva, no rio Saere, já começa a ser invadida por colonos de origem japonesa:

— Nossas terras não são más, mas o povo vive separado. Alguns estão no Xingu, outros no Pará. Assim, pais separados de filhos, irmãos de irmãos, primos de primos. Quero que todos fiquem juntos. Para isso temos uma reserva boa. Não há razão para que os nossos continuem no Parque Xingu, para onde foram levados sem consentimento geral da tribo.

Os depoimentos dos demais chefes — Itapema (Ripaktsa), Karitsairwah (Nambiquara), Txankoyampany (Tapirapé), Yamoury (Pareci) e Yanaxi (Irantxe) versaram sobre problemas iguais: a falta de assistência da Funai, ausência de

remédios e de munição para a caça. Todos, sem exceção, reclamaram da má localização de suas terras. E, surpreendentemente, disseram que o governo acaba por transformá-los em posseiros em suas próprias terras, como no caso dos parecis e nambiquaras, especificamente, que ocupam terras que foram sempre suas e hoje, paradoxalmente, são propriedade de empreendimentos agropecuários ou de mineração:

— Não é possível — disse Yamour, dos parecis — que parte do nosso povo, que habita há séculos as cabeceiras do rio Formoso, tenha que pedir licença ao branco para atravessar caminhos, pescar ou caçar. A reserva que nos deram sem nos consultar, localizada às margens da BR-364, não presta e não inclui as terras do Formoso que são boas para viver e plantar. Agora, onde estamos, ou morremos de fome ou continuamos a depender dos padres para sobreviver...

### DIREITO DE OPÇÃO

Para o vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário e um dos coordenadores do encontro de Diamantino, Dom Thomaz Balduino, bispo de Goiás Velho, o resultado mais positivo dessa reunião somente poderá ser avaliado a médio prazo, quando os próprios índios, desta vez por iniciativa própria, sentirem a necessidade de se reunirem para debaterem seus problemas e que decisões acerca deles tomar:

Tratava-se, na realidade — disse d. Thomaz — de dar aos índios a oportunidade de tentarem superar o paternalismo a que sempre estiveram submetidos, seja pela ação da Funai, sejam também pela ação das missões religiosas. Através dessa reunião vimos que é possível o índio sair do angustiante e asfixiante impasse em que se encontrava, isto é, de poder optar, sugerir, decidir, enfim, sobre o destino de seu povo. Desse encontro não elaboraremos nenhum documento especial. Trata-se, como já disse, de uma primeira tentativa de dar ao índio o direito de auto-representar-se. O futuro dirá, afinal, qual o melhor caminho. Uma coisa, todavia, está mais do que patenteada: os nossos índios, como vimos, têm condições mais do que suficientes para resolver o seu impasse sem ter que recorrer à força. O poder do diálogo poderá vir a se constituir na mais forte de suas armas.

Ainda segundo d. Thomaz Balduino, "não será a Funai nem o missionário quem irá salvar o índio, mas sim ele a si mesmo".

Na realidade, a vida do índio se define em termos de uma sociedade absolutamente familiar, através, principalmente, da globalização do seu modo de vida. Esse sentido positivo, todavia, torna-se negativo diante das contingências de relacionamento com sociedades ou grupos que vivam de maneira diferente. Existe, porém, a decisão de entendimen-

to com outras formas de vida, quando necessidades maiores e transcendentes, como problemas de subsistência, sobrevivência, garantia de posse de terra, entre outros, apelam para interesses de maior alcance.

Os xavantes, por exemplo, há longo tempo vêm dando uma demonstração nesse sentido ao tentarem aproximar-se de seus vizinhos bororos, sem que os missionários salesianos houvessem atentado para o fato.

O encontro de Diamantino representa, de acordo com os observadores presentes, uma espécie de aprendizado para os índios, numa maneira de se integrarem à comunidade nacional. O objetivo final da reunião seria, então, o de se obter a síntese da vida de tipo familiar indígena numa comunidade aberta.

Esta síntese, afinal, levaria o índio a tratar de quaisquer assuntos de interesse nacional e não somente tribal, conservando, todavia, as características de povo índio. E se o índio conseguir ultrapassar seus esquemas tribais, relacionando-se inicialmente com outros irmãos de tribos diferentes, ele terá dado um passo bastante significativo para defrontar-se, de fato, com a grande comunidade branca envolvente. A experiência de Diamantino seria, então, uma inovação sem precedentes em 400 anos de Brasil.